Comunicação e Cultura: reflexões sobre a análise cultural como método de pesquisa[1]

Flavi Ferreira Lisbôa Filho[2]
Alisson Machado[3]
Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO
O presente artigo problematiza a análise cultural, concebida e ancorada na perspectiva dos Estudos Culturais, como um proeminente método de investigação atento aos processos comunicacionais. Nesse sentido, o texto apresenta algumas reflexões, a partir de alguns dos principais autores do campo, que julgamos necessárias de serem realizadas por todos aqueles que investigam os processos socioculturais, tomando os agentes sociais como epicentros das práticas que dão significação e movimento à vida social. No primeiro momento discorremos sobre a importância do método e da pesquisa científica, na sequência, salientamos alguns aspectos a respeito da constituição do campo da comunicação e, finalmente, desenvolvemos alguns argumentos a respeito da análise cultural aplicada nas pesquisas em comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cultura; sociedade; estudos culturais; análise cultural

Introdução

Um olhar atento lançado sobre os fenômenos sócio-comunicacionais nos coloca a refletir acerca das relações e transformações que definem e redefinem as práticas culturais em suas diferentes conjunturas. Martín-Barbero (2003) afirma que as transformações oriundas do processo de globalização fizeram moverem-se as categorias com as quais pensamos o *espaço*, transformando, com isso, a percepção que temos do *sentido do lugar no mundo*. Embora as relações que o homem estabelece sejam perpassadas pela globalização, efetivadas em *redes* e *fluxos*, é impossível que habitemos o mundo sem algum tipo de ancoragem territorial, em que "se desenrola a corporeidade da vida cotidiana e a temporalidade – a história" (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 58).

Nesse contexto, as novas tecnologias da comunicação que, no pensamento de Hall (2011, p. 68), acabaram por comprimir e alterar as distâncias e as escalas temporais em proporções globais, exigem uma postura analítica que se distancie da "ideia sociológica clássica de sociedade". A medida em que o homem modifica o modo com

[1] Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.
[2] Doutor em Ciências da Comunicação (linha: Mídias e processos audiovisuais) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS). Professor Adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisador do GP Estudos Culturais e Audiovisualidades. (flavilisboa@gmail.com)
[3] Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Comunicação e bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela mesma instituição. (machado.alim@gmail.com)

que concebe a si próprio, modificam-se também as paisagens culturais e os próprios processos em que este se realiza. Negociantes e nômades entre as estruturas e as rupturas sociais, os sujeitos inscrevem-se em arranjos altamente complexos, orientados por seus posicionamentos éticos, étnicos, estéticos, sexuais, regionais, institucionais, de classe, de gênero, de nacionalidade, entre outros.

Entender, portanto, a complexidade da organização social na atualidade exige a elaboração de um pensamento também complexo capaz de romper com o "paradigma da simplificação" (MORIN, 2011, p. 11). No pensamento de Morin, compreender a complexidade exige que se desfaçam duas ilusões: a ilusão de acreditarmos que a complexidade elimina a simplicidade e a confusão entre complexidade e completude, uma vez que a própria complexidade deve ser entendida como *multidimensional*, ou seja, um "tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico" (MORIN, 2011, p. 13).

Foucault (2013, p. 74) destaca a complexidade das relações sociais. O mundo, para ele, não é uma figura simples, onde os acontecimentos mostram-se enquanto suas características essenciais, dotadas de valores plenos e portadores de um sentido final e absoluto, mas, na verdade, deve ser pensado como "uma miríade de acontecimentos entrelaçados". Multidimensional e complexa, "a cultura está desempenhando um papel cada vez mais importante em todos os setores da sociedade contemporânea, com múltiplas funções que vão do econômico ao social" (KELLNER, 2001, p. 29).

É neste sentido que a análise cultural, tal como concebida pelo campo dos Estudos Culturais, atenta para os processos socioculturais, nos quais os agentes são tomados como epicentros das práticas que dão significação e movimento à vida social. Uma análise da cultura, não leva em consideração somente aspectos que envolveriam uma atmosfera da cultura no sentido das manifestações artísticas de um povo. Sempre mais complexa, a cultura permeia todo o modo de vida de sujeitos, entendidos como agentes nos processos sociais.

A trajetória dos Estudos Culturais, iniciados na Escola de Birmingham (Centre for Contemporary Cultural Studies) e, particularmente, posicionando nosso lugar de fala, observação e inserção, sua tradição latino-americana e brasileira, tem se orientado através de esforços teóricos e metodológicos para teorizar e compreender

> [...] a complexidade e as contradições dos múltiplos efeitos de uma ampla variedade de formas de mídia/cultura/comunicações em nossa

> vida e demonstram como essas produções servem de instrumento de dominação, mas também oferecem recursos para a resistência e a mudança (KELLNER, 2001, p. 43).

Imersos no que Kellner (2001) chamou de a *cultura da mídia*, a análise cultural dedica-se a pensar as relações humanas no contexto de interrelação onde as mídias ocupam um importante lugar na concepção e ação cultural dos sujeitos.

O presente texto problematiza, portanto, a análise cultural como um pertinente método de investigação dos processos humanos inscritos na interface entre comunicação, mídia, sociedade e cultura, uma vez que é próprio da constituição deste campo de estudos, os Estudos Culturais, "enxergar todas as formas de cultura da mídia e de comunicação como dignas de exame e crítica" (KELLNER, 2001, p. 53). Sem a pretensão de totalizar a temática da análise cultural como protocolo analítico e, com isso, esgotar suas múltiplas potencialidades, ou mesmo de localizar e discorrer sobre as contribuições dos intelectuais expoentes da área, trabalho tão magistralmente já realizado por uma série de pesquisadores, o objetivo a que nos propomos é a tessitura de reflexões, ideias e argumentos que colaborem para problematizar a análise cultural como proeminente percurso metodológico para as pesquisas no campo da comunicação.

A importância social do método e da pesquisa científica

O desenvolvimento de metodologias, recursos empregados na compreensão dos fenômenos do mundo, não são invenções modernas. Conforme Ginzburg (1991), podemos encontrar elementos comprobatórios da ação metodológica e indiciática dos homens desde os remotos tempos da caça. Nas sociedades dos caçadores, os homens teriam aprendido a reconstruir os movimentos de suas presas observando uma série de elementos infinitesimais deixados por elas, como pegadas na lama, ramos quebrados, tufos de pelos, plumas e odores. Dessa forma, aprenderam a interpretar e classificar tais pistas, desenvolvendo, para isso, complexas relações mentais e cognoscitivas.

Para além disso, o homem caçador também elaborou formas de relato em sequências narrativas de suas ações. As pinturas rupestres e os artefatos da caça são indícios de que os caçadores teriam sido os primeiros homens a "narrar histórias", pois eram capazes de ler nas pistas deixadas pelos animais, uma série coerente de eventos. Organizar as ações do cotidiano, em uma sequência legível, já correspondia, nessas sociedades, na elaboração de uma prática metodológica. As narrações que o homem

realiza sobre determinado recorte do mundo realizam-se através de procedimentos mentais e práticos anteriormente aplicados e vividos por ele.

Conhecer, afirma França (2001a, p. 43) é uma atividade especificamente humana e própria da constituição do seu ser. Não existe uma única forma e um único caminho que leva ao conhecimento. Em um primeiro nível, podemos dizer que o homem conhece a si próprio, como resultado das suas vivências e experiências – *estar e agir no mundo*. Outra maneira que o homem tem de conhecer a si, aos demais, e aos espaços onde realiza suas ações, bem como suas próprias ações, é sistematizar um trabalho de pesquisa e estudo, levando em consideração a utilização de métodos específicos.

De acordo com Gil (2002, 2008), uma pesquisa pode ser definida como um procedimento racional e sistemático que possui o objeto de atingir respostas frente aos problemas propostos, um caminho pelo qual nos lançamos para chegar em um determinado fim. No pensamento do autor, a pesquisa é realizada mediante os recursos disponíveis e a utilização criteriosa de métodos, técnicas e procedimentos, envolvendo uma série de fases que vai desde a formulação do problema a que se busca responder, até a demonstração dos resultados obtidos.

Para Barros e Junqueira (2011), fatos, como tais, não existem. Os fatos (sociais) só possuem existência a partir da observação dos sujeitos, sendo toda observação um conjunto de orientações e esquemas que temos disponíveis e com o qual lemos o mundo. Para os autores, toda a compreensão é mediada pelo conjunto de representações e esquemas que orientam o nosso olhar. A observação do mundo, portanto, não deve ser encarada como pura ou genuína, mas sim como uma construção social, pois, "toda observação é teoricamente orientada" (BARROS; JUNQUEIRA, 2011, p. 33).

É inegável a importância de métodos de investigação na construção do conhecimento científico. A metodologia deve ser compreendida como uma ação humana, atividade social não livre de tensões e conflitos em suas formulações, que está constantemente sujeita aos sistemas de verificabilidade, de sua validade enquanto produtora de conhecimento e das dimensões éticas que imbricam-se em sua formulação.

Qualquer metodologia aplicada ao mundo social, seguindo as orientações epistêmicas pelas quais se sustenta, deve certificar-se, desde sua elaboração, que seja um empenho altamente responsável pelo saber que produz. As metodologias de investigação social e cultural devem orientar o pesquisador na busca por verdadeiros propósitos sociais (EPSTEIN, 2011, p. 18). Da mesma forma, devem ajudá-lo a evitar simplificações que negligenciam as contradições do mundo real. Ela não deve ser uma

regra, pela qual todo o social deve ser mensurado, precisando este inserir-se de acordo às suas regulações. Deve ser encarada como o suporte, que apoia o pesquisador, na tarefa de compreensão do mundo e, provavelmente, de si próprio.

A constituição do campo da comunicação

Escreve Flusser (2011, p. 42) que um campo não é um *quê*, mas a maneira como *algo* acontece, como distintas ideias se relacionam. Nesse pensamento, um campo seria uma estrutura dentro da qual e com a qual os pensamentos ocorrem. Sobre esse propósito, discorremos brevemente sobre como a comunicação vem sendo pensada por alguns autores da área, evidenciando, especialmente, sua relação no tangente às investigações acerca da cultura. De acordo com França (2001b), muitos autores têm se dedicado a estudar a constituição do campo da comunicação, seus métodos e abordagens, bem como seu objeto de pesquisa.

A autora parte da distinção entre os conceitos de "interdisciplinaridade" e "transdisciplinaridade[4]" para pensar a noção da comunicação como um processo comunicativo, que deve ser suficientemente sólido e articulado de modo que possa permitir a análise das mais diversas situações sociais. A comunicação, segundo França (2001b), deve ser suficientemente específica e direcionada, permitindo identificar em diferentes situações um mesmo processo básico e fundador (o processo comunicativo). É este *olhar especializado* que "possibilitando-nos achar um denominador comum em todas essas situações – que caracterizam o nosso saber e fazem do viés da comunicação um lugar de conhecimento" (FRANÇA, 2001b, p. 15).

Braga (2011, p. 63) rejeita a explicação de que o campo da comunicação seria um campo interdisciplinar, ao afirmar que todos os campos do conhecimento são "interdisciplinares", por não possuírem uma existência estanque e isolada. O autor caracteriza a comunicação como uma "disciplina de conhecimento social", resultado de uma tradição constitutiva de um ângulo especial para olhar a sociedade. Ele propõe que devemos pensar em um "trabalho de interfaces", o que corresponde "a um verdadeiro e efetivo trabalho de interdisciplinaridade" (BRAGA, 2011, p. 64).

Braga (2011, p. 65) critica a perspectiva holista na qual a comunicação, "espalhando-se como objeto por todas as áreas, estando em todas as pautas, não está em

[4] De acordo com França (2001, p. 7), a "interdisciplinaridade", refere-se a temas e objetos de pesquisa comuns, estudados por diversas ciências. A "transdisciplinaridade", por sua vez, compreende a contribuição de diferentes disciplinas, essas deslocadas de seus campos de origem. França (2001) salienta que são os cruzamentos e deslocamentos desse transporte teórico que conferem um modo híbrido e distinto de abordagem dos novos objetos.

nenhum lugar". O autor destaca ainda a perspectiva que vê a comunicação como um processo de conversação e de trocas simbólicas e práticas interativas das diferentes situações sociais e a perspectiva que enfoca apenas a análise dos "meios de comunicação social" ou da mídia. Conforme seu pensamento, o objeto da comunicação não pode ser empregado enquanto "coisas" ou "temas" a serem investigados, mas sim deve levar em consideração os processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional. Para o autor,

> [o] relevante é que nossas conjeturas sejam postas a teste por sua capacidade para desvelar e explicitar os processos que, de um modo ou de outro, resultem em distinção crescentemente clara sobre o que se pretenda caracterizar como "fenômeno comunicacional" relacionado aos temas e questões de nossa preferência (BRAGA, 2011, p. 66).

De mesmo modo, Martín-Barbero (2004, p. 212) critica o *pensamento instrumental* que, segundo ele, tem dominado o campo da comunicação desde seu nascimento e que hoje se autolegitima no otimismo tecnológico que está associado à expansão do conceito de informação. Para o autor, é necessário que desenhemos um novo mapa de problemas, repensando as relações estabelecidas entre cultura e sociedade, um exercício que, para efetivar-se, precisa redefinir o próprio papel dos comunicadores, que devem ser orientados pela luta "contra o assédio do imediatismo e fetiche da atualidade, pondo o contexto histórico a uma distância crítica que lhe permita compreender, e fazer compreender os demais, o sentido e o valor das transformações que estamos vivendo" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 214).

No contexto latino-americano, para o autor, o campo da comunicação assume um estatuto transdisciplinar, tornando evidente a multidimensionalidade dos processos comunicativos e sua estreita ligação com movimentos de desterritorialização e hibridização. A transdisciplinaridade nos estudos da comunicação não significa, para Martín-Barbero, a dissolução de seus objetos nos campos das demais disciplinas sociais, mas sim a construção de articulações, mediações e intertextualidades que fazem a sua especificidade, apontando assim para

> [...]sua capacidade de analisar as indústrias comunicacionais e culturais como matriz de desorganização e reorganização da experiência social no cruzamento das desterritorializações que acarretam a globalização e as migrações com a fragmentação e as relocalizações da vida urbana (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 221).

O autor supracitado destaca ainda três rupturas necessárias para repensar a cultura no campo da comunicação. A primeira delas, ruptura com o *comunicacionismo*, tendência de ontologizar a comunicação como um lugar em que a humanidade revelaria a sua mais secreta essência. Em termos sociológicos, segue o autor, corresponde à ideia de que a comunicação seria tanto motor quanto conteúdo último de toda interação social. A segunda, ruptura com o *midiacentrismo*, resultado da identificação direta da comunicação com as mídias, tanto na perspectiva mcluhiana, de que "as mídias fazem a história", ou de seu oposto, o ideologismo althusseriano, que entende as mídias como um mero aparelho do Estado. Essa perspectiva, ao centrar-se apenas na materialidade das mídias, acaba por definir as pesquisas em comunicação somente pelos objetos e temas analisados, esquecendo as complexas relações que estes estabelecem com o universo social. E, por último, um terceiro movimento de ruptura, a superação do *marginalismo alternativo*, crença na existência e nas possibilidades emancipatórias dos sujeitos em função de uma comunicação "autêntica", supostamente produzida e realizada fora da "contaminação" tecnológico/mercantil das grandes mídias.

O pensamento desses autores nos ajuda a compreender o papel da comunicação como um espaço intelectual que busca refletir a sociedade e o aprofundamento da experiência da cultura (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003, p. 25) e, mais ainda, o modo com que, a partir dela, a cultura e os demais elementos do tecido social podem ser refletidos. Nesse sentido, a análise cultural, ao assumir a comunicação como um complexo campo estratégico de criação e apropriação cultural, de ativação das competências, da experiência criativa das pessoas e do reconhecimento das diferenças (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 227), procura desenvolver uma abordagem das relações socioculturais na interface entre comunicação, cultura e sociedade.

A análise cultural nas pesquisas em comunicação

Como apontado por Kellner (2001) e Escosteguy (2010), Birmingham e os *founding fathers* dos Estudos Culturais britânicos, Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward. P. Thompson e Stuart Hall, orientaram-se através das conjunturas e problemas políticos da época, centrando sua atenção nas formas da política cultural. Esses autores, além da intenção teórica de construção de um novo campo de estudos, estavam vinculados a um projeto de transformação do social, buscando compreender tanto as formas de dominação cultural quanto as formas de resistência vivida pelos

sujeitos comuns, no seio das contradições e transformações do período, a fim de ajudar a compreensão dos fenômenos sociais e, com isso, articular processos de luta política.

De acordo com Escosteguy (1999), se no passado os Estudos Culturais foram uma "invenção britânica", hoje se transformaram em um fenômeno internacional, orientados por articulações e visões compartilhadas, mas que atentam às especificidades, às peculiaridades e aos múltiplos contextos onde se inserem, tanto como pensamento acadêmico quanto como posicionamento político. A análise cultural deve levar em conta os pressupostos fundadores do campo, atentando às relações entre cultura contemporânea e sociedade, ou seja, as "formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais" (ESCOSTEGUY, 1999, p. 136).

Kellner (2001) aponta que os modelos teóricos e metodológicos dos Estudos Culturais esforçam-se para a compreensão das relações mútuas entre economia, Estado, sociedade, cultura e vida diária. Esses componentes são indissociáveis da teoria social contemporânea principalmente quando esta os problematiza frente aos ambientes e processos midiáticos que, ao mesmo tempo, agem como mediadores da cultura, mas também são mediados por ela, articulando assim "ideologias, valores e representações [...] e o modo com que esses fenômenos se inter-relacionam" (KELLNER, 2001, p. 39). Orientada por esse pensamento, a análise cultural deve procurar subsídios nas diversas áreas das práticas sociais e do conhecimento humano. Tomando a ideia de que os próprios sujeitos são complexos e atuantes em diversas esferas do social, a análise deve considerar como válidos todos os elementos que possam ofertar algum tipo de indício de como operam as relações culturais desses agentes.

Johnson (1999, p. 13), ao citar a influência marxista no campo dos Estudos Culturais, elenca três premissas que devem ser observadas na articulação da análise cultural: que os processos culturais intimamente se vinculam às relações sociais, através das formações e relações de classe, das divisões sexuais e das opressões de idade; que a cultura envolve relações de poder, que acabam por produzir assimetrias nas capacidades com que indivíduos e grupos sociais definem e satisfazem suas necessidades e, por fim, de que a cultura não é um campo autônomo, mas sim local de embate, de diferenças e de lutas simbólicas. A cultura não se limita apenas às práticas especializadas, a gêneros específicos e particulares, nem a atividades populares da arte e do lazer. São as práticas sociais, em sua completude e complexidade, que devem ser entendidas como culturais, sendo examinadas, inclusive, através de suas dimensões simbólicas e subjetivas.

Baptista (2009, p. 452) elenca algumas características comuns da investigação dos Estudos Culturais na atualidade. No pensamento da autora, as análises culturais devem assumir um profundo compromisso com a radicalidade da complexidade dos fenômenos culturais. Dessa forma, a ênfase das análises deve recair sobre os elementos que apontem à produção contextual, multidimensional e contingente do conhecimento cultural, refletindo, nos resultados da investigação, o caráter dinâmico, em processo e mesmo paradoxais e conflituosos das relações e objetos investigados.

Outro elemento destacado por Baptista é que a análise cultural possui um envolvimento político declarado, no sentido de intervenção e envolvimentos nos assuntos da *pólis*. A análise cultural busca produzir um conhecimento útil e uma prática política de relevância social, que se fundamenta através da preocupação acadêmica e da luta pela emergência e manutenção dos princípios políticos da democracia cultural. Na análise cultural, a preocupação política diz respeito, como coloca Martín-Barbero (2009, p. 284), à emergência da opacidade do social, uma realidade que é conflitiva e cambiante, que se realiza através da "rede de mediações e da luta pela construção do sentido da convivência social".

O que a análise cultural toma como ponto de partida são as evidências empíricas dos sistemas de significação do social são os próprios aspectos culturais que definem determinada sociedade. Dessa forma, a análise parte do entendimento da cultura como sendo "[uma] prática central da sociedade e não como elemento exógeno ou separado, ou mesmo como uma dimensão mais importante do que outras sob investigação, mas como algo que está presente em *todas* as práticas sociais e é ela própria o resultado daquelas interações" (BAPTISTA, 2009, p. 453, grifo da autora).

Coiro-Moraes (2014, p. 240-241) comenta alguns princípios instituidores dos Estudos Culturais que devem ser levados em consideração pelos pesquisadores que utilizam-se de seu arcabouço teórico-metodológico, principalmente quando voltados para o exame da área da comunicação. Segundo a autora, são preceitos desse campo de estudos: conceber a cultura, conforme o pensamento de Williams, como modos e práticas da vida cotidiana; escolher os meios de comunicação como objeto de estudo por reconhecer neles não apenas um papel de reprodutores da cultura, mas como constituintes dela, "considerando a sua vinculação aos meios de produção capitalista, o que leva à reflexão sobre o papel dos profissionais do campo da comunicação, na difícil articulação entre o interesse público e os interesses da indústria midiática" (COIRO-MORAES, 2014, p. 241); sua vinculação política devido à interlocução que realiza com

o pensamento marxista, instigando pesquisas que reflitam questões de ordem econômica e política na composição do pensamento cultural; sua vocação metodológica para etnografias e pesquisas sobre consumo cultural e; seu caráter interdisciplinar, fundamental a qualquer teoria social que se pretende crítica e que tome por base investigar a cultura no amplo contexto da atuação midiática.

De acordo com Grossberg (2006, p. 17), vivemos uma mudança no *locus* da experiência humana, que está movendo os campos da política e da economia aproximando-os da esfera da cultura, antes vista como secundária ou de menor importância. A análise cultural, para o autor, deve levar em conta a conjuntura dos fenômenos observados, entendendo a formação social como "fragmentada, conflituosa, ao longo de vários eixos, constantemente em busca de equilíbrios temporários ou estabilidades estruturais, através de uma variedade de práticas e processos de lutas e negociação"[5] (GROSSBERG, 2006, p. 6). Uma conjuntura social deve ser entendida não apenas como no contexto onde as práticas socioculturais se realizam, mas como um processo de articulação, acumulação e condensação de uma infinidade de contradições.

Entender a cultura como um processo, um conjunto de práticas de produção e intercâmbio de significados (HALL, 1997, p. 2), é assumir que os significados culturais também operam no sentido de organizar e regular as práticas sociais, influenciando a conduta humana e, através disso, atingindo efeitos reais, práticos e concretos na vida dos indivíduos. Para Hall, a cultura é um elemento articulador das práticas sociais pois,

> [...] é através do uso que fazemos das coisas, e o que dizemos, pensamos e sentimos acerca delas – como as representamos – que lhe damos significado. Em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos conosco. Em parte damos significado às coisas através da forma como as utilizamos, ou às integramos em nossas práticas do cotidiano[6] (HALL, 1997, p. 3).

Através da observação do cotidiano, a análise cultural desenvolve suas abordagens. Ela estende seu olhar para as práticas localizadas no modo com que os sujeitos, inseridos em lógicas culturais, se realizam através de negociações constantes entre as estruturas sociais determinantes e as possibilidades de transpor e resistir a essas mesmas estruturas. Conforme Bourdieu (2011, p. 10-11), uma mesma cultura que une,

[5] Tradução livre utilizada no Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades, da Universidade Federal de Santa Maria.
[6] Tradução disponibilizada na disciplina de Mídia, Discurso e Identidade, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria.

intermediada pela comunicação, é também uma cultura que separa, pois assegura a comunicação imediata entre os membros de uma mesma classe, buscando, em último nível, manter uma integração *fictícia* de toda a sociedade. A cultura hegemônica acaba levando, muitas vezes, à desmobilização das classes dominadas e da cultura popular. Ela age como instrumento de distinção e de legitimação das distinções sociais (como hierarquias sociais), designando os grupos sociais dominados como subculturas, uma vez que determina o estabelecimento de sua distância em relação à cultura dominante.

O postulado teórico de Williams, de acordo com Gomes (2011), é de fundamental importância para o entendimento da noção de cultura como um modo inteiro de vida[7]. Pensar a cultura enquanto *ordinária*, tal como fez Williams (2007), implica, conforme Gomes, entender dois aspectos, um que se refere ao conjunto de normas, valores, prescrições e projeções em que os membros de uma cultura são educados e socializados e outro; que, ao mesmo tempo, novos sentidos surgem, são geridos e testados, em processos comuns que articulam indivíduos e sociedades. Nesses processos a cultura é, "ao mesmo tempo, tradição e criatividade; é sempre exterioridade e interioridade" (GOMES, 2011, p. 33).

Cevasco (2001, p. 130), ao comentar a vida e o legado de Williams, afirma que a cultura foi compreendida pelo autor como uma prática social, vivida entre pessoas em situações específicas e, em função disso, articulando significados específicos que variam em diferentes e determinadas situações socio-históricas. É neste sentido que a análise cultural de Williams, ao se posicionar contra a ideia de uma cultura unívoca, rejeita a ideia de separação entre cultura e vida social material, reconhecendo a complexidade dos processos sociais (GOMES, 2011, p. 36).

A concepção de sociedade para o autor está diretamente ligada ao modo com que ele entende os processos culturais, uma vez que não há separação entre ambas as esferas. A sociedade, arena na qual a análise cultural encontra sua prática por excelência, é entendida como uma totalidade complexamente estruturada em diferentes níveis de articulação: níveis político, econômico e ideológico, que se combinam de diferentes formas e em diferentes variações (GOMES, 2011, p. 36).

Williams (1979, p. 90) recusa a ideia "burguesa" de sociedade entendida como um processo objetificado, algo inconsciente e não desejado, em que as únicas forças

[7] De acordo com Gomes (2011, p. 33), cultura como modo de vida não implica apenas aspectos como a forma de morar, maneira de vestir ou de aproveitar o lazer, mas sim conceber a natureza das relações sociais, permanentemente construída pelos indivíduos.

alternativas de luta que os sujeitos teriam, seriam as suas próprias vontades individuais. O autor demonstra que a sociedade não é uma "casca morta", que limita as realizações sociais e individuais, mas que é sempre um processo constitutivo de pressões que expressam diferentes formações políticas, econômicas e culturais.

Escreve Williams (1979) que a análise cultural deve levar em consideração as instituições hegemônicas em funcionamento dentro de uma determinada sociedade, mas não apenas as instituições formais que exercem uma forte influência sobre o processo social. O analista também precisa observar as *formações* pelas quais os sujeitos se realizam e são por elas realizados. Como a cultura "é sempre mais do que a soma de suas instituições" (WILLIAMS, 1979, p. 121), o autor aponta a necessidade de pensarmos os mais variados processos de socialização que constituem nossas práticas culturais. Esses processos, embora digam respeito aos sistemas de aprendizado dos sujeitos, acabam por operar dentro de uma variação hegemônica disponível, em torno da qual toda uma sociedade se organiza, que seleciona uma gama de significados, valores e práticas como sendo coerentes e expressivos da cultura dominante, revestida e apresentada como única e livre de contradições.

Nas sociedades modernas, considera Williams (1979), somam-se a esse processo os grandes sistemas de comunicação que materializam os conteúdos midiáticos e, com isso, as opiniões que faz circular. A mídia, juntamente com as demais instituições, embora transmita conhecimentos e possibilite o desenvolvimento de certas habilidades, sempre o faz através de uma seleção entre todas as possibilidades (culturais) existentes, acabando por exercer "poderosas e imediatas pressões sobre as condições de vida e de ganhar a vida, ensinam, confirmam e, na maioria dos casos, impõem significados, valores e atividades" (WILLIAMS, 1979, p. 121).

Conforme Williams (2003, p. 51-52), a análise cultural deve considerar três categorias gerais que definem a cultura. Essas categorias, longe de serem antitéticas, devem ser percebidas como interligadas entre si. A primeira delas, *ideal*, segundo a qual a cultura é entendida como um processo de perfeição humana, nos termos de certos valores absolutos e universais. Nesta categoria, a análise volta-se para o descobrimento e descrição, nas obras e na vida social, de valores de ordem atemporal que fazem referência a uma condição humana universal. A segunda, *documental*, em que a cultura pode ser pensada através das obras intelectuais e imaginativas, em que se registram o pensamento e a experiência humana. Para Williams, a análise documental é de grande importância para a análise cultural, pois através dela se podem produzir provas

específicas sobre a organização social estudada. A terceira delas, *social*, diz respeito à descrição de determinado modo de vida, que "expressa certos significados e valores não somente na arte e na aprendizagem, mas também nas instituições e no comportamento ordinário" (WILLIAMS, 2003, p. 51, tradução nossa).

As relações socioculturais, no sentido da *vida ordinária*, tal como postulado pelo autor, devem ser estudadas, pela análise cultural, de modo a compreender o dinamismo presente nos modos de vida observados, apontando sua organização concreta e o modo com que são vividos. Nas palavras de Williams (2003, p. 55, tradução nossa),

> [...] somente podemos estudar, dentro da organização social cambiante, os diversos efeitos produzidos nas distintas atividades e suas inter-relações. Além disso, como essas atividades servem a fins diferentes e em ocasiões antagônicas, o câmbio que devemos buscar raras vezes será simples: do ordinário haverá elementos de persistência, ajuste, assimilação inconsciente, resistência ativa e esforço alternativo, presentes nas atividades específicas e no conjunto da organização.

Por último, recorremos novamente ao pensamento de Williams (2011, p. 121), quando o autor afirma que o compromisso dos pesquisadores engajados no projeto dos Estudos Culturais, é com as áreas de experiência [cultural] que ainda hoje estão caladas, fragmentadas ou, definitivamente, mal representadas. A motivação que seu pensamento nos dá é de que, ainda hoje, há realidades sociais que clamam por sério registro, detalhamento e compreensão. Como diz Williams, se todas as coisas até agora parecem estar contra nós, dentro da ordem cultural estabelecida, "há forças em movimento cuja resultante ninguém pode prever" (WILLIAMS, 2011, p. 125).

Considerações finais

O esforço que aqui realizamos foi o de apresentar algumas reflexões sobre o campo dos Estudos Culturais e, principalmente, da análise cultural, como um importante método de investigação para os estudos que se dedicam a explorar as interfaces entre comunicação, mídia, cultura e sociedade. É importante ressaltarmos que não nos detemos à descrição das operações metodológicas e técnicas de pesquisa, nem a elaboração de um método de investigação que constitui o trabalho de pesquisa.

Nossa atenção prontificou-se em discutir alguns aspectos teóricos, reunidos dos debates já realizados por alguns pesquisadores, reflexões estas que julgamos necessárias de serem observadas e consideradas por todos aqueles que desejam compreender,

através da análise cultural, os mais diversos fenômenos que constituem a complexidade do tecido social. A tradição de pesquisa do Estudos Culturais entende e reafirma essa complexidade, fazendo da cultura, o recorte pelo qual dedica-se a entender as relações que o homem realiza no seio de sua(s) cultura(s). A análise cultural, como método de investigação do campo da comunicação, não centraliza sua atenção apenas na ação dos meios, mas sim nas diferentes formas com as quais os sujeitos sociais negociam suas vivências e experiências culturais. Na relação que se estabelece entre cultura, comunicação e sociedade, a análise procura evidenciar as práticas e os mecanismos que atuam na constituição da sociedade, obviamente preocupando-se com as práticas de dominação dos sujeitos, bem como as formas de resistência encontradas por esses.

É importante ressaltarmos ainda que, mesmo orientados pela análise cultural, os caminhos são os mais diversos. Em termos práticos, temos observado, nas análises realizadas pelo Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades, da Universidade Federal de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul, que a análise cultural, própria do campo dos Estudos Culturais, pode ser combinada com diversas outras metodologias de pesquisa. Assim, metodologias já consolidadas, principalmente a que temos utilizado, como os *circuitos da cultura* de Johnson (1999) e de Paul do Gay *et. al*. (2003) e as *estruturas de sentimento* de Williams (1979, 2003, 2001, entre outros), podem encontrar em outras metodologias, textuais, semióticas, discursivas, etnográficas, maneiras para ampliar a compreensão e a complexificação dos fenômenos observados. Se a ação do homem é constante, complexa e multidimensional, a análise de sua cultura também precisa o ser, caso contrário corre o risco de paralisar-se e, com isso, perder de vista a própria singularidade daquilo que observa.

Referências

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. In: *Carnets, Cultures littéraires:* nouvelles performances et développement, nº spécial, 2009, p. 451-461. Disponível em: <http://mariamanuelbaptista.com/pdf/EstudosCulturais.pdf>. Acesso em 15/06/2014.

BARROS; Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação.* São Paulo: Atlas, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. In: *Verso e Reverso*, vol. XXV, n.58, jan.-abr., 2011, p. 62-77.

CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams.* São Paulo: Paz e Terra, 2001.

COIRO-MORAES, Ana Luiza. Estudos Culturais aplicados em pesquisas de comunicação. In: SOUZA, Rose Mara Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvaldo J. de (Orgs.).

Teorias da comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino. São Paulo: INTERCOM, 2014, p. 226-259.
DU GAY, Paul; HALL, Stuart; JANES, Linda; MACKAY, Hugh; NEGUS, Keith. *Doing cultural studies.* The story of the Sony Walkman. Sage Publications, London/Thousand Oaks/ New Delhi, 2003.
EPSTEIN, Isaac. Ciências, poder e comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação.* São Paulo: Atlas, 2011.
ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 133-166.
_____. *Cartografia dos estudos culturais* – uma versão latino-americana. – ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
FLUSSER, Vilém. *A dúvida.* São Paulo: Annablume, 2011.
FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* São Paulo: Graal, 2013.
FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação / A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). *Teorias da Comunicação.* Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.39-60.
_____. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? In: *Ciberlegenda*, n. 5, 2001.
Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/314/195>.
Acesso em: 15/06/2014.
GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa.* São Paulo: Atlas, 2002.
_____. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* São Paulo: Atlas, 2008.
GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
GOMES, Itania Maria Mota. Raymond Williams e a hipótese da estrutura de sentimento. In: _____; JUNIOR, Jader Janotti (Orgs.). *Comunicação e Estudos Culturais.* Salvador: EDUFBA, 2011, p. 29-48.
GROSSBERG, Lawrence. Does cultural studies have futures? Should it? (Or what's the matter with New York?). Cultural studies, contexts and conjunctures. *Cultural Studies*, vol. 20, n. 1, january 2006, p. 4-32.
Disponível em:
<http://www.colum.edu/Academics/Humanities_History_and_Social_Sciences/Cultural_Studies/Colloquium/Readings/Grossberg_KeynoteCS20-1.pdf>.
Acesso em: 15/06/2014.
HALL, Stuart. Introduction. In: _____. *Representation:* cultural representation and signifying practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997, p. 1-11.
_____. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-132.
KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia* – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (Org.). *Por uma outra comunicação:* mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 57-86.
_____. *Ofício do cartógrafo* – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
_____. *Dos meios às mediações:* comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo.* Porto Alegre: Sulina, 2011.
POLISTCHUCK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. *Teorias da comunicação:* o pensamento e a prática do jornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
_____. *La larga revolución.* Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.
_____. *Palavras-chave*: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007 [1983].
_____. *Cultura e materialismo.* São Paulo: Editora Unesp, 2011.
_____. *Política do modernismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.